

A PUNIÇÃO AO ERRO COMO REPRESSOR DA ATIVIDADE CRIADORA

Patrícia Gonçalves¹

Tânia Stoltz²

GONÇALVES, P.; STOLTZ, T. A punição ao erro como repressor da atividade criadora. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 20, n. 1, p. 7-23, jan./jun. 2020.

RESUMO: De que forma a punição ao erro pode limitar o potencial criador dos estudantes, que dentro dos espaços escolares não encontram apoio e incentivo para desenvolverem seu potencial? É o que pretende discutir o presente artigo que, para tanto, utilizará como metodologia uma revisão bibliográfica fundamentada em teóricos da filosofia e da educação que se debruçaram sobre os temas punição e criatividade. Estes autores afirmam que, dentre outros problemas, a punição ao erro é um impeditivo à atitude criadora, considerando que em momentos em que os estudantes estão tentando criar uma nova forma de resolver seus problemas ou apresentar algo novo e cometem erros, a punição rigorosa por não terem seguido o modelo proposto por seus professores, pode ser entendida como um ato de repressão da criatividade. Professores que punem o diferente veementemente, limitando a capacidade criadora do estudante e reprimindo seu potencial dito como extravagante, inapropriado e até mesmo errado, cerceiam a sua potencialidade, que além de não ser desenvolvida, é reprimida dentro de alguns modelos da atual estrutura educacional. Também apresentaremos uma análise destas dificuldades vivenciadas pelos estudantes, seguida de considerações de alguns autores que desenvolvem pesquisas atuais acerca da importância do estímulo à criatividade para o desenvolvimento desta potencialidade, que, como veremos, é um diferencial no exercício profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade; Erro; Punição.

DOI: 10.25110/educere.v20i1.2020.7323

¹Graduada em pedagogia e em filosofia pela UFPR, Mestre em filosofia e Doutoranda no setor de Educação na linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento humano.

²Professora Titular da UFPR.

PUNISHING ERRORS AS A REPRESSOR OF CREATIVE ACTIVITY

ABSTRACT: How can the punishment of errors limit the creative potential of students, who do not find support and encouragement within the school spaces to develop their potential? It is the intention of this article to discuss that topic and for such, it will use a literature review based on philosophy and education theorists who have studied the themes of punishment and creativity as its methodology. Those authors state that, among other issues, punishment for errors is an impediment to the creative attitude, considering that at times when students are trying to create a new way of solving their problems or presenting something new and making mistakes, rigorous punishment for not having followed the model proposed by their teachers can be understood as an act of repression of creativity. Teachers who vehemently punish different ways of thinking, limiting the creative capacity of the student and repressing their potential by labelling them as extravagant, inappropriate or even wrong, curb their potentiality, which, in addition to not being developed, is repressed within a few models of the current educational structure. The authors will also present an analysis of these difficulties experienced by the students, followed by considerations of some authors who develop current research on the importance of stimulating creativity for the development of this potentiality, which, as shall be seen, is a differential in professional practice.

KEYWORDS: Creativity; Error; Punishment.

EL CASTIGO POR ERROR COMO REPRESOR DE ACTIVIDAD CREATIVA

RESUMEN: ¿Cómo puede el castigo por error limitar el potencial creativo de los estudiantes, que no encuentran apoyo e incentivos dentro de los espacios escolares para desarrollar su potencial? Es lo que este artículo pretende discutir, que, para este propósito, utilizará como metodología una revisión bibliográfica basada en teorías de filosofía y educación que han estudiado los temas del castigo y la creatividad. Estos autores afirman que, entre otros problemas, el castigo por error es un impedimento para la actitud creativa, considerando que en ocasiones

quando los estudiantes intentan crear una nueva forma de resolver sus problemas o presentar algo nuevo y cometer errores, un castigo estricto por sin seguir el modelo propuesto por sus maestros, puede entenderse como un acto de represión de la creatividad. Los maestros que castigan con vehemencia lo diferente, limitan la capacidad creativa del estudiante y reprimen su potencial que se dice que es extravagante, inapropiado e incluso incorrecto, rodean su potencial, que además de no desarrollarse, se reprime dentro de algunos modelos de la estructura educativa actual. También presentaremos un análisis de estas dificultades experimentadas por los estudiantes, seguido de consideraciones de algunos autores que desarrollan investigaciones actuales sobre la importancia de estimular la creatividad para el desarrollo de este potencial, que, como veremos, es un diferencial en la práctica profesional.

PALABRAS CLAVE: Creatividad; Error; Castigo.

INTRODUÇÃO

Leonardo da Vinci, Santos Dumont, Guimarães Rosa, Picasso: personalidades criativas, cada um em seu tempo e campo de atuação. No entanto, nos dias de hoje, não é preciso inventar o protótipo do helicóptero, o avião, inúmeros neologismos ou um estilo próprio de expressar sua arte, para denominar-se uma pessoa criativa. O paradigma de que a criatividade é privilégio de alguns poucos escolhidos tem mudado, abrindo espaço para todos aqueles que pensam diferente e que colocam em prática seu potencial criador. Novas ideias nascem diariamente ao examinarmos problemas ou situações cotidianas sob uma perspectiva diferente ou recombina-mos objetos e conceitos já existentes, resolvendo ou criando formas inovadoras e diferenciadas de lidar com estes problemas. Contudo, isto não é um processo natural para todas as pessoas, pois dependendo do modo que a criança foi estimulada ou oprimida durante seus primeiros processos criativos, poderá ter sérias consequências. Assim, a dificuldade que algumas pessoas apresentam em ter novas ideias, ou mesmo medo de ousar e errar, pode ser influência dos bloqueios mentais que começaram a atuar desde a infância. Neste sentido, as escolas atuais precisam mais do que nunca rever algumas posturas limitadoras e restritivas, fomentando o processo criativo em sala de aula, com o objetivo de oportunizar aos estudantes momentos em que estes possam se expressar, demonstrar seu

potencial criativo e construir novas soluções para problemas cotidianos, considerando que este potencial existe e que precisa ser desenvolvido. Assim, a punição ao erro de um estudante que tenta de forma diferente chegar ao resultado de uma conta, ou solucionar um problema em que inicialmente não obteve sucesso, precisa ser repensada dentro dos ambientes escolares para que o erro não seja mais considerado como um processo de pensamento equivocada, mas como um trajeto diferente para descobertas de novas formas de resolver problemas e lidar com situações.

Reforçando a ideia de que cada vez mais este potencial criador deve ser valorizado, pesquisas atuais acerca da criatividade e sua relevância para o mercado de trabalho, em que futuramente nossos atuais estudantes estarão inseridos, afirmam que de acordo com um estudo encomendado pela Dell Technologies para o IFTF (Institute for the Future), graças ao avanço tecnológico até 2030, aproximadamente, 85% das profissões serão novas, ou seja, ainda nem foram inventadas (2017). Assim, cabe também a nós profissionais da educação, a preocupação em ajudar a formar hoje, os novos empreendedores dinâmicos e criativos que atuarão nestas áreas ainda desconhecidas, com base em teorias e novas pesquisas da filosofia e da educação que podem trazer luz às nossas discussões sobre a forma de trabalhar a criatividade e a punição ao erro com aqueles em quem, certamente, o potencial criativo será um novo valor a ser considerado.

DESDE OS GREGOS ATÉ A ATUALIDADE

Os gregos na antiguidade sabiamente valorizavam o ócio e não o desperdiçavam. Aproveitavam o tempo para suas leituras, observações, ou simplesmente para a contemplação. Eles aproveitavam o tempo livre para enriquecer suas experiências e adquiriam mais cultura conhecendo diferentes pessoas e descobrindo novas fontes de informação. Platão, por exemplo, encarava o ato de criar como uma força superior e transcendental, fora do controle do indivíduo. Em seus diálogos, ele esteve preocupado com questões educacionais, talvez porque considerasse que a alma, quando vai para o Hades, não leva outra coisa senão sua educação e seu modo de vida (Fédon, 107d). Para Kohan, em sua última obra, *As Leis*, ele afirma que “é impossível não falar da educação das crianças e que,

diferentemente de outras questões tratadas em relação à polis, o fará para instruir e para sugerir, não para legislar acerca da educação” (KOHAN, 2003, p.13), demonstrando sua preocupação com a formação dos infantes muito antes das atuais tendências pedagógicas. No entanto, mesmo tanto tempo depois destas concepções teóricas milenares que foram berço para as teorias que atualmente circundam a educação atual, questões como o desenvolvimento da ação criadora, o erro como forma de descobrir novos conceitos e estratégias ou mesmo a importância do ócio para a criatividade, não estão verdadeiramente sendo discutidas e aplicadas no campo educacional. Assim, é fundamental considerarmos em nossas discussões, que a infância era e ainda é parte indissociável de um problema fundamental para a filosofia da educação e que, por meio de seus diálogos, podemos reconstituir tanto os traços fundamentais de tal problema, quanto buscarmos uma solução para os problemas atuais considerando estas discussões apresentadas pela filosofia. Se utilizarmos termos filosóficos para descrever parte das salas de aula atuais, podemos dizer que nelas, o professor é o grande detentor do conhecimento que tem o poder de em 50 minutos, transmitir todas as informações específicas de seu conteúdo. Ele também é o legislador dos modos de punição, pois é o senhor que define quem e como serão punidos aqueles que infringirem as leis de convívio em sala de aula, impostas por ele, a fim de formar o arcabouço teórico dos estudantes, que prontamente estão dispostos a receber e a reter todas as informações transmitidas. Em outras palavras, tem-se, portanto, o modelo perfeito da “máquina de ensinar”, enfatizada nos estudos de Foucault (2014), com objetivos da detenção do controle sobre os indivíduos, e que mesmo estando no século XXI, ainda persistem, revelando traços significativos de um modelo de educação extremamente tradicional, baseado em leis e regulamentos que fomentam o uso de castigos e punições nas escolas. É importante esclarecermos o que entendemos por punição nos dias de hoje, pois, percebemos através dos anos que as medidas punitivas tem mudado consideravelmente. Obviamente sabemos que não é mais possível a utilização de castigos físicos como palmatórias e demais atos conhecidos por nós ao longo da história da educação. Entretanto, o fato de limitar a participação dos estudantes em sala, de punir o erro dos estudantes com expressões vexatórias, ou mesmo proporcionar um clima escolar em que os estudantes temem se pronunciar e não se sentem à vontade para

propor suas ideias e se expor com medo de serem julgados e reprimidos na frente dos colegas, podem também ser consideradas como atitudes punitivas e limitadoras dentro do ambiente escolar. “A punição não precisa portanto utilizar o corpo, mas a representação” (FOUCAULT, 2014, p. 93). Ainda para o filósofo, tais atitudes “(...) não se destinam a sancionar a infração, mas a controlar o indivíduo, a neutralizar sua periculosidade” (FOUCAULT, 2014, p. 23). Fato este, que mantém a turma sob o domínio do professor e faz com que todos realizem as atividades conforme suas orientações sem terem espaço para questionar e expressar sua opinião, pois o medo de errar, ou mesmo de ousar sugerir algo diferente ou uma nova estratégia e ser punido, faz com que todos sejam ordeiros e sigam as normas preestabelecidas pelo mestre. Segundo Silveira, para a punição, é importante perceber que o seu fundamento normativo parece se constituir na censura moral ou, ao menos, que a censura moral é uma condição normativa necessária para a punição (SILVEIRA, 2016). Em outras palavras, para alguns professores se sentirem moralmente respeitados dentro da turma, precisam impor suas regras e assim, suas punições para aqueles que as infringirem. É desta forma que muitas vezes o potencial criador é tolhido ainda na idade escolar, pois, ainda de acordo com Foucault “o castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos” (FOUCAULT, 2014, p. 16). Logo, frases como: “Você pintou de outra cor, então você não vai sair para o recreio.” “Já que você desmontou o brinquedo, não vai brincar no parquinho”. “Eu disse que era para fazer com a fórmula que eu ensinei”, são muito comum dentro de nossos espaços escolares, revelando o poder punitivo das tentativas de inventar, criar ou mesmo pensar de uma forma diferente, o que nos conduz a aproximação com a teoria do francês que afirma que “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2014, p. 167). Dito em outras palavras, o estudante além de não receber os estímulos necessários para desenvolver sua criatividade e seu potencial criador, ainda sente-se vigiado, o que o limita e muitas vezes, até mesmo o impede de tomar atitudes ditas como ousadas, como apresentar uma criação própria, expor seus desenhos ou tentar um jeito diferente de solucionar um problema, pois para ele, tais atitudes se descobertas, podem lhe trazer transtornos,

como uma exposição em turma, considerando que a sala de aula não é um ambiente propício para criar e inventar. “Vigiar se torna então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve duplicá-lo em todo o seu comprimento” (FOUCAULT, 2014, p. 171). O estudante, nem mesmo nas aulas de arte sente segurança para pensar e produzir de acordo com seu potencial criador, pois em parte destas aulas, ele deve reproduzir obras já consagradas sob o título de releituras, ou ainda produzir esculturas ou demais obras através de um passo a passo já pensado e treinado pelo professor, de forma com que o resultado que se espera seja exatamente o do modelo ensinado. E aí do estudante que ouse propor algo composto por sua originalidade! Sob a vigilância atenta do professor, ele certamente será convidado a rever seu conceito e se ater ao manual preestabelecido para que não erre nem desobedeça ao professor, sob a possibilidade de ser punido. Fazendo uso de uma outra definição de punição, para reforçar o quanto ela pode tolher a atitude criativa dos estudantes, La Salle afirma que “pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las (...) uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto” (*In*: FOUCAULT, p. 173). Logo, com medo de tamanha desvantagem perante seus colegas, os estudantes preferem se calar e aceitar o regime imposto com receio do que lhes possa acontecer. O que nos leva a citar mais uma vez o filósofo francês que afirma que “encontrar para um crime o castigo que convém é encontrar a desvantagem cuja ideia seja tal que torne definitivamente sem atração a ideia de um delito” (FOUCAULT, 2014, p. 102). Dito de outra forma, o estudante prefere não falar que é possível realizar a mesma tarefa de outro jeito, se atendo a resposta do livro, ou aquela que ele imagina ser a esperada pelo professor, com receio de propor uma nova ideia e ser punido por sua inteligência e criatividade. Assim, podemos observar que não é porque a punição não fere mais o corpo que ela deixa de provocar marcas em quem as recebe. Ela continua restringindo e causando medo em nossos estudantes que se limitam em expressarem suas opiniões, de se manifestarem em sala de aula, de tentarem uma nova forma de resolver os problemas ou ainda de demonstrarem que conseguem pensar de um jeito diferente, mas não errado, se comparado ao ensino pelo professor. Neste sentido, é como se pensar ou agir

diferente fosse considerado algo errado, digno de ser repreendido, o que vai absolutamente contra as tendências atuais que requerem pessoas dinâmicas, ativas e que não tenham medo de ousar. O que reitera nossa afirmação do início do texto sobre a necessidade de nossas escolas reverem algumas posturas e filosofias que norteiam sua prática educacional. É importante destacar que de forma alguma o professor perderá sua autoridade em sala de aula por motivar os estudantes a serem mais criativos, pelo contrário, é estimulando-os a desenvolverem seus talentos e a exporem suas ideias que ele respeitará os limites e os talentos de cada um, sendo também respeitado por isso. De acordo com Novais, a autoridade “(...) advém do papel social do professor e também do domínio que este possui do conteúdo com o qual está trabalhando” (NOVAIS, 2004, p. 16). A autora afirma ainda que, a autoridade do professor é reafirmada pelo aluno quando o mesmo a aceita e passa a vê-lo como uma figura de autoridade (NOVAIS, 2004, p. 17), ou seja, o respeito não está relacionado com punições, mas com a postura de respeito e comprometimento do profissional perante seus alunos. É neste sentido que se faz necessário que os professores que ainda adotam essa postura restritiva e punitiva revejam algumas atitudes e deixem de pensar que transformando a sala de aula em um quartel general construirão um ensino de melhor qualidade. Nas palavras de Foucault, “É passível de pena o campo indefinido do não conforme: o soldado comete uma ‘falta’ cada vez que não atinge o nível requerido; a ‘falta’ do aluno é assim como um delito menor, uma inaptidão a cumprir suas tarefas” (FOUCAULT, 2014, p. 176). Em outras palavras, o castigo disciplinar que é atribuído pelo professor, conforme seu grau de gravidade, é visto pelos estudantes como um limitador e não como algo que realmente o fará pensar e agir de forma diferente. Contudo, os problemas de comportamento também estão associados à insatisfação do estudante com o ensino que está sendo repassado e muitas vezes com a forma com que este conteúdo é exposto, não atraindo a atenção de alguns que preferem desenhar ou realizar atividades fora do contexto da aula do professor. Neste sentido a punição àquilo que, na visão do professor é um erro, tem muito mais caráter limitador do que realmente pedagógico, com a tentativa de chamar a atenção do estudante para a compreensão do conteúdo estudado. De acordo com o filósofo,

O castigo disciplinar tem a função de reduzir os des-

vios. Deve, portanto, ser essencialmente *corretivo*. Ao lado das punições copiadas do modelo judiciário (multas, açoite, masmorra), os sistemas disciplinares privilegiam as punições que são da ordem do exercício – aprendizado intensificado, multiplicado, muitas vezes repetido (...)” “A punição disciplinar é, pelo menos por uma boa parte, isomorfa à própria obrigação; ela é menos a vingança da lei ultrajada que sua repetição, sua insistência redobrada. De modo que o efeito corretivo que dela se espera apenas de uma maneira acessória passa pela expiação e pelo arrependimento; é diretamente obtido pela mecânica de um castigo. Castigar é exercitar.” (FOUCAULT, 2014, p. 176).

É como se a punição disciplinar fosse tratada como um elemento de um sistema duplo em que aqueles que se “comportam” e que realizam as atividades dentro do programado e esperado pelo professor fossem gratificados seja com notas ou com o consentimento e aqueles que ousam realizar as atividades de forma diferente ou expor suas opiniões sem a permissão prévia do professor, devessem ser sancionados por ele por atrapalharem e intervirem naquilo que já estava previamente organizado, tornando-se quase que um sistema de treinamento de correção e gratificação em que não estão sendo mais avaliados os conhecimentos e as potencialidades, mas os próprios indivíduos. Para Foucault,

E pelo jogo dessa quantificação, dessa circulação dos adiantamentos e das dívidas, graças ao cálculo permanente das notas a mais ou a menos, os aparelhos disciplinares hierarquizam, numa relação mútua, os ‘bons’ e os ‘maus’ indivíduos. Através dessa microeconomia de uma penalidade perpétua, opera-se uma diferenciação que não é a dos atos, mas dos próprios indivíduos, de sua natureza, de suas virtualidades, de seu nível ou valor. A disciplina, ao sancionar os atos com exatidão, avalia os indivíduos ‘com verdade’; a penalidade que ela põe em execução se integra no ciclo de conhecimento dos indivíduos” (FOUCAULT, 2014, p. 178).

Dito de outro modo, é como se a penalidade atravessasse todos os pontos de controle de uma sala de aula, em que em todos os instantes os estudantes estão sendo avaliados muito mais por suas posturas do que propriamente por seu conhecimento. As instituições que ainda fazem uso deste tipo de treinamento comparam, diferenciam, hierarquizam, homogeneizam e excluem, ou seja, elas normatizam todos os estudantes dentro dos parâmetros que compreendem serem os melhores para sua instituição e eliminam aqueles que de alguma forma fogem do estabelecido. Este contexto, prejudica imensamente o estudante criativo, que gosta de expor suas ideias e suas opiniões, mas que tem medo de ser reprimido pelos docentes. Ao contrário do que se deveria propor, este indivíduo será prejudicado por não encontrar em seu ambiente escolar um clima adequado para seu desenvolvimento criativo e autônomo. Sobre o desenvolvimento da autonomia, Freire (1996) afirma que “A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas” (FREIRE, 1996, p. 107). Assim, ao oportunizar que o aluno expresse suas opiniões, sentimentos e ideias, o professor oportuniza o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da cooperação não apenas do estudante criativo, mas de todos os envolvidos no processo escolar. O criativo, entretanto, tem ainda mais dificuldade para se enquadrar no paradigma estabelecido. Mas, para não se sujeitar a situações constrangedoras dentro desta dinâmica punitiva, ele acaba sendo forçado a ser igual aos demais, pois se ele se destacar, tem medo de ser visto como diferente e esquisito pelos demais. O que não é menos constrangedor do que ter suas ideias consideradas como erradas e dignas de punição por docentes inclinados a destruir, aquilo que afirmam fomentar. O que nos parece ser bastante contraditório, se pensarmos que cada vez mais a criatividade e a ousadia em pensar diferente serão características muito valorizadas em nossa sociedade. Contudo, infelizmente muitas escolas ainda estão lecionando como nos séculos passados, em que a produtividade e o comportamento eram mais valorizados do que o desenvolvimento do potencial de cada indivíduo. Neste sentido, a discussão que propomos é uma nova reflexão sobre as formas de ensinar com base no desenvolvimento da criatividade e no potencial dos estudantes que pensam de forma diferente, consomem tecnologia e porque não dizer conhecimento, de uma forma diferente.

Essas diferenças entre as gerações precisam ser consideradas para que possamos repensar a dinâmica de sala de aula no que diz respeito aos limites e as punições para não confundirmos o ócio, com o momento de observação e reflexão do estudante criativo. É preciso lembrar que pessoas, lugares e acontecimentos nos transmitem mensagens a todo instante, e que muitas vezes precisamos codificar essas mensagens por meio da nossa experiência, percepção e intuição para buscar a melhor resposta para o que procuramos e nos mantermos atentos a esses detalhes. O respeito a esses momentos pode ser a chave para incentivar nossos estudantes a pensarem de uma forma diferente e ousar criar ou reinventar conceitos e ainda nos tornarmos mais criativos e inovadores enquanto profissionais. No âmbito educacional, essa fuga se torna necessária quando o nosso trabalho se mostra pouco inteligente, repetitivo e monótono, sempre repassando os mesmos conteúdos com critérios de avaliação semelhantes. Muitas vezes, as mudanças em sala de aula só acontecem quando os problemas se tornam crônicos e as soluções usuais já não mais funcionam, ou quando nos tornamos ultrapassados, perdendo para a competitividade, para tudo o que a atualidade pode proporcionar aos nossos estudantes, o que nos leva a contemplar e refletir por alguns instantes com o intuito de buscar neste novo olhar um caminho diferente sob o já conhecido, pois o futuro de nossa sociedade requer ideias corajosas e inovadoras para tratar importantes questões educacionais, econômicas e ambientais ainda não equacionadas e que precisam ser resolvidas com ousadia, compromisso e criatividade. A boa notícia é que, por ser uma habilidade aprendida e não uma dádiva concedida a alguns poucos escolhidos, é possível exercitar e desenvolver a criatividade desde a primeira infância. Contudo, nas palavras de Piaget, “o período mais criador da vida humana, creio, é entre o nascimento e os dezoito meses. É inaudito...” (PIAGET in JEAN-CLAUDE BRINGUIER, 1978, p. 181). Quando perguntado se se aprende mais nesta etapa do que nas demais ele enfatiza,

como rapidez e como fecundidade, sempre achei que era o período máximo da criação. A criação cognitiva, e repare, antes da linguagem em ação! Em seguida, ao nível do pensamento e da representação, tudo isto vai ser reconstruído, reestruturado sobre o terreno conceitual, no plano conceitual (PIAGET in

JEAN-CLAUDE BRINGUIER, 1978, p. 181).

Percebemos assim, que, na teoria de Piaget o maior poder de criação está vinculado à fecundidade cognitiva própria da primeira infância. O fato de ainda não haver linguagem desenvolvida, é primordial para o potencial criador, uma vez que é por meio da linguagem que o repasse de modelos sociais são repassados e que quando nos atemos a eles, geralmente não criamos mais com medo de errar ou produzir algo fora dos padrões. Nesse sentido, os primeiros meses de vida seriam aqueles em que, mesmo sem linguagem formalizada, estaríamos mais criativos, portanto, este seria o momento de vida em que mais se aprenderia e em que mais se poderia criar. A esse respeito, em uma de suas palestras¹ ele afirma:

tirei muitos dos meus exemplos da infância, porque é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano. No período sensório-motor, por exemplo, antes do desenvolvimento da linguagem, é inacreditável a sua quantidade de invenção e descoberta. (...) Só gostaria de terminar repetindo as palavras de um pesquisador que trabalha conosco em Genebra fazendo experiências sobre o pensamento das crianças na área da física. Ele disse o que distingue o físico criativo do não-criativo: o físico criativo, apesar do seu conhecimento, em uma parte de si tem uma criança com a curiosidade e a candura da descoberta que caracterizam a maioria das crianças até serem deformadas pela sociedade adulta (PIAGET *In*: VASCONCELLOS, 2001, p. 18).

Neste sentido, podemos compreender que para Piaget a criação está presente em toda nossa vida, mas que, uma vez que a inteligência está mais fecunda em nossos primeiros meses de vida, este é o momento que somos mais criativos, o que não significa que não podemos desenvolver nossa criatividade em outros momentos. Em sala de aula, por exemplo, o professor estimulador da criatividade permite ao aluno pensar, desenvolver ideias e pontos de vista, oportunizando escolhas aos estudantes, valo-

¹PIAGET, Jean. *In*: VASCONCELLOS, Mário Sérgio (org). *Criatividade: Psicologia, Educação e Conhecimento do Novo*. São Paulo: Moderna, 2001.

rizando o potencial criativo e não rechaçando o erro, mas percebendo-o como uma etapa do processo de aprendizagem, considerando os interesses e habilidades individuais de cada estudante (STOLTZ *et al.*, 2015).

Segundo Alencar e Fleith, o professor facilitador do desenvolvimento criativo provê oportunidades para que os alunos se conscientizem de seu potencial criativo, ele cultiva o senso de humor em sala de aula e demonstra entusiasmo pela atividade e disciplina que ministra (ALENCAR; FLEITH, 2001). As autoras ainda realçam que o professor facilitador da criatividade procura promover “um clima em sala de aula em que a experiência de aprendizagem seja prazerosa” (ALENCAR; FLEITH, 2001, p. 57). Para haver um clima criativo, o professor deve adotar, entre outras atitudes, a de proteger e encorajar o trabalho criativo e a elaboração de produtos originais, procurando “desenvolver nos alunos a habilidade de pensar em termos de possibilidade, de explorar consequências, de sugerir modificações e aperfeiçoamentos para as próprias ideias”, não se abatendo pelas limitações do contexto, envolvendo o aluno na solução de problemas reais (FLEITH; ALENCAR, 2005, p. 5).

Dito de outro modo, os estudantes devem ser estimulados a organizar suas ideias para que possam, em sala ou em outros momentos, desenvolvê-las, pois se as ideias não forem devidamente armazenadas, serão esquecidas e perdidas em pouco tempo. Assim, é importante que o professor oriente os estudantes a anotarem seus pensamentos, sonhos, dúvidas, problemas e possíveis soluções, utilizando um caderno ou mesmo a tecnologia disponível, como uma forma de se manterem sempre criativos. Também é importante lembrar que muitas ideias surgem quando estamos sozinhos, “desligados do mundo”, reforçando a ideia dos filósofos gregos sobre a importância do ócio e da reflexão para o desenvolvimento da criatividade.

As atividades em grupo também são ótimos momentos para os estudantes fazerem anotações em um quadro em que todos possam visualizar e propor soluções diferentes para um mesmo desafio. De uma anotação simples e aparentemente aleatória pode surgir uma boa ideia quando todos pensam em um problema em comum sem medo de ousar e serem punidos, considerando que um problema é sempre uma ótima oportunidade para aprender e criar. Por esse motivo, é preciso que os professores estimulem os estudantes a enfrentá-los com compromisso e criatividade,

analisando e estudando os problemas profundamente, procurando o maior número de respostas possíveis, sem medo de perguntar e errar no desenvolvimento de suas hipóteses.

Uma das características infantis presentes nos adultos criativos é fazer perguntas sobre temas que eles, em geral, já não questionam mais. Por isso, ter coragem de perguntar, questionar e duvidar é o caminho para entender melhor a situação e dar o primeiro passo no desenvolvimento de uma solução criativa em sala de aula. Contudo, o estudante só tomará esta postura quando sentir segurança de falar e se expor sem ser julgado ou punido por estar pensando diferente dos outros, sem ser considerado errado por isto.

Só assim ele estará disposto a apresentar suas ideias para os outros colegas. E apresentando-as para os demais ela cresce, expande, se transforma e atinge uma esfera muito mais ampla e prazerosa para todos. É no momento em que a ideia é colocada à prova que ela passa de um simples pensamento para um projeto, um ideal ou um produto, sendo possível neste momento, visualizar suas reais possibilidades e até mesmo os pontos que precisam ser revistos sem medo de errar ou ser punido pela ousadia. O papel do professor é fundamental neste aspecto, pois é ele quem precisa motivar os estudantes a exporem suas ideias de forma segura e estimulante, considerando que toda nova ideia pode passar por diversos tipos de resistências, obstáculos ou ajustes sem ser prejudicada por isto.

Por fim, reforçamos a ideia de que a punição a um erro de forma desmedida e meramente punitiva pode prejudicar consideravelmente o potencial criador de um estudante, que, marcado pelos limites impostos, pode deixar de criar e de expor suas ideias, tendo em vista que, se desde a primeira infância forem tolhidos, certamente quando adultos terão muito receio em se expor, por pensarem no temível medo de errar e serem reprimidos diante de seu grupo de trabalho. Entretanto, a importância de incentivar o potencial criador de nossos estudantes se dá não apenas pela preocupação de termos profissionais que se enquadrem no futuro mercado de trabalho, mas pela integridade de nossa profissão de educadores que precisa encorajar nossos estudantes a exporem seus pensamentos e ideias, e se realizarem enquanto pessoas, sem receio de ascender a qualquer tipo de obstáculo por medo de ser punido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de leituras dos campos da filosofia e da educação que nos apresentam discussões pertinentes sobre as mudanças na forma de ensinar e de compreender nossos estudantes ao longo da história, podemos repensar e discutir a atuação de alguns ambientes escolares que ainda não tomaram consciência da importância de considerar nossos estudantes dentro de seu tempo e espaço atuando de forma motivada e integradora, a fim de oferecer o enriquecimento de suas potencialidades e não apenas o repasse de conteúdos programados dentro de um esquema austero e inflexível.

Neste sentido, a importância da discussão filosófica para o desenvolvimento da criatividade se justifica, tendo em vista que esta não aceita respostas dadas como certo, fomentando a todo momento o questionamento e a abertura para novos diálogos em que possamos refletir, contemplar, perceber o outro e repensar nossas posturas e atitudes como outrora os filósofos gregos o fizeram, com o objetivo de construir novas estruturas, repensar o hoje ou ainda buscar soluções para antigos obstáculos.

Em sala de aula, é imprescindível que os professores repensem suas práticas e tomem conhecimento das novas tendências nas quais nossos estudantes estão inseridos, com o objetivo de fomentar sua tomada de atitude reflexiva e o desenvolvimento do seu potencial criador sem discriminação ou qualquer forma de punição que venha a reprimir ou limitar o desenvolvimento da criatividade dos estudantes, pois a postura do professor fará toda a diferença na formação de nossos atuais estudantes que muito em breve estarão dentro de um novo mercado de trabalho ainda desconhecido para nós.

Dito de outro modo, é fazendo a diferença em sala de aula com sua postura motivadora, que os profissionais da educação poderão fomentar e direcionar nossos estudantes rumo ao desenvolvimento de seus sonhos e objetivos, considerando que nem sempre apenas o potencial acadêmico é sinônimo de realização, pois o potencial criador deve ser desenvolvido e estimulado tanto quanto o intelectual. Para Prado e Fleith, “motivação, engajamento, emoções positivas, presença de mentores, ambiente enriquecido, chance, oportunidade e introspecção são conside-

radas tão essenciais quanto atributos intelectuais ou cognitivos” (PRADO e FLEITH, 2016, p. 177).

O que nos leva a concluir que, um ambiente escolar de abertura para o diálogo, que outrora foi tão importante para a filosofia, nos parece bastante atual para refletir sobre algumas práticas, considerando que nossos estudantes repletos de ideias e de novas possibilidades para a resolução de problemas ainda existentes desde a Grécia antiga, não podem continuar sendo vítimas de uma educação rígida e impositiva. Para este tipo de educação novas ideias são vistas como audaciosas e exibicionistas e o erro, rumo a uma forma diferente de solucionar ou compreender um problema, é considerado motivo de punição. Neste sentido, precisamos repensar algumas práticas e tomarmos ciência de que questionar, contestar e propor formas diferentes de solucionar antigos problemas também fazem parte da filosofia, de uma boa educação.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Eunice Soriano; FLEITH, Denise de Souza.

Superdotados: determinantes, educação e ajustamento. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget.** Rio de Janeiro: Difel, 1978.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1993.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Maria Eunice Soriano. Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula, **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 085-091, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** o nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

INFOR CHANNEL. **85% das profissões que existirão em 2030 ainda não foram inventadas.** Disponível em: <https://inforchannel.com.br/2017/07/27/85-das-profissoes-que-existirao-em-2030-ainda-nao-foram-inventadas>. Acesso em: 08 jan. 2018.

KOHAN, Walter Omar. Infância e educação em Platão. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p. 11-26, jan./jun. 2003.

LA SALLE, Jean Baptiste de. **Conduite des Écoles chrétiennes**. Lyon: Jh. Moronval, 1838.

NOVAIS, Elaine Lopes. É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário? **Revista Linguagem e Ensino**, v. 7, n. 1. p. 15-51, 2004.

PLATÃO. Fédon. *In*: PLATÃO. **Os pensadores**. São Paulo: Victor Civita, 1972.

PIAGET, J. Criatividade. *In*: VASCONCELOS, Mário Sérgio. (Org.) **Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo**, São Paulo: Moderna, p. 11-20, 2001.

PRADO, Renata Muniz; FLEITH, Denise de Souza. **Criatividade, motivação para aprender, ambiente familiar para aprender e superdotação: um estudo comparativo**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2016.

STOLTZ, T. *et al.* Creativity in gifted education: contributions from Vygotsky and Piaget. **Creative Education**, v. 6, p. 64-70, Published Online January, Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation.aspx?paperid=53210>. Acesso em: 20 maio, 2018.

SILVEIRA, Coitinho Silveira. Contratos, virtudes e o problema da punição. **Revista Dissertatio**, UFPel, v. 43, p. 11-40, 2016.

Recebido em: 21/01/19
Aprovado em: 20/02/20